



A Utilização da WebRádio e WebTV para Práticas Comunicacionais na Educação Inclusiva¹

Henrique BARUM²

Yuri NOBRE³

Marislei RIBEIRO⁴

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho apresenta discussões realizadas a partir de um Projeto de Extensão, na área de webrádio e webtv, que visa à integração da universidade, escolas públicas e a sociedade. A partir de temas de interesse dos alunos, com diferentes idades e níveis de aprendizado, bem como de assuntos desenvolvidos nos bancos acadêmicos, foram definidas e elaboradas as pautas de pesquisa que possibilitaram formatar os produtos de comunicação e produzi-los com a supervisão dos professores envolvidos e a execução dos discentes, vinculados ao curso de Jornalismo e de Cinema da UFPEL. A estratégia consiste em desenvolver atividades pedagógicas como uma metodologia alternativa que permita a construção do conhecimento, sobretudo, na aplicação de ferramentas na área das Tecnologias de Comunicação e Informação, como forma de minimizar as barreiras comunicativas das pessoas com deficiência visual.

PALAVRAS-CHAVE: webrádio; webtv; práticas comunicacionais; deficientes visuais

Introdução

Considerando que a sociedade em rede se fundamenta no paradigma da informação e vivencia novas práticas sociais no espaço e no tempo, além de viabilizar a inter-relação dos diferentes níveis de escolaridade através de conteúdos de interesse comum, decidiu-se elaborar um Projeto de Extensão na área de webrádio e webtv. Também, em vista dos avanços tecnológicos acelerados e dos processos de mediação da contemporaneidade globalizada e heterogênea, cabe levar em conta o que comenta Cardoso (apud Castells, 1999, p.II), 'é preciso levar a sério as mudanças introduzidas no nosso padrão de sociabilidade em razão das transformações tecnológicas[...] que fazem com que a relação dos indivíduos [...] com o processo de inovação técnica tenha sofrido alterações consideráveis'.

Sendo assim, o presente trabalho buscou utilizar os espaços educativos para concretizar práticas pedagógicas inovadoras que possibilitem a todos os envolvidos

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: henrique_barum@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: yurindr@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: marisrib@terra.com.br



realizar aprendizagens significativas mediante programas radiofônicos e de TV via web, abertos, criativos e dialógicos, ao focar os mais diferentes temas que irão agregar valor aos conteúdos trabalhados nos bancos acadêmicos, bem como intensificar a consciência cidadã para atividades de responsabilidade social, oportunizando aos alunos uma compreensão da inclusão digital e a interatividade da mídia.

Compete ressaltar que, com as ações desenvolvidas durante a execução do projeto, foi possível oferecer aos alunos de ensino fundamental e médio das escolas públicas novas vivências que colaboram para a formação de gerações mais capacitadas a integrar diversas mídias de convergência digital.

Nesse sentido, as práticas irão confrontar teorias estudadas, capacitando alunos e professores a atuar no campo da argumentação em benefício do bem comum, tornando-se capazes de participar das surpreendentes transformações do mundo atual. Na nova configuração cultural, pretende-se obter aprendizagens não só personalizadas, mas também coletivas e permanentes, para que as comunidades virtuais facilitem a construção de saberes e o desenvolvimento de competências numa relação renovadora com o conhecimento.

Sendo assim, o artigo tem como objetivo, apresentar o desenvolvimento da pesquisa e atividades que foram realizadas no referido Projeto de Extensão, contemplado por meio do programa de extensão do Ministério da Educação e Cultura/ PROEXT MEC/SESu, nos anos de 2014 e 2015, com o propósito de continuidade no ano de 2016.

1 Educação e Inclusão: Plataformas de Aprendizado nas Mídias Digitais

1.1 - Os Desafios das Práticas Inclusivas Pedagógicas no Ambiente Escolar

A inclusão escolar de indivíduos com qualquer tipo de deficiência, seja física ou mental, apresenta diversos desafios e complexidades. Inclusão, como comenta Carvalho (2009), é a possibilidade de acesso, ingresso e permanência de um aluno com aprendizagem real, resultando, por tanto, em atribuições de conhecimento e desenvolvimento de habilidades, não representando apenas o aumento do número de matrículas, traduzidas estatisticamente em vagas para alunos com deficiência nas turmas de ensino regular.

Ainda de acordo com Carvalho (2009), são três os pontos que devem ser analisados quando nos referimos a educação inclusiva: primeiro, devemos analisar as



políticas educacionais, nas quais estão inclusas o método integrador, e a qualidade da oferta educativa, além de questões organizacionais, como a administração do sistema adotado e a administração do atendimento educacional; segundo, devemos analisar as recomendações internacionais e, terceiro, devemos analisar a opinião dos deficientes em questão e de suas respectivas famílias.

As políticas educacionais de cada país variam de acordo o seu desenvolvimento social. Elas representam a regulamentação de práticas educacionais segundo a ideologia vigente. As instituições de educação privadas, que seguem o modelo neoliberal de organização social têm, segundo Carvalho (2009), uma estrutura de melhor qualidade para o atendimento nesta área, além de determinados municípios do Brasil não terem espaços destinados a pessoas com deficiência em suas escolas. Quando um município dispõe dos recursos para o atendimento ao aluno deficiente, não há oferta equitativa para todas as variações de deficiência, podendo, por exemplo, estar apta a receber um aluno com deficiência física, mas não um aluno com deficiência mental.

Considerando-se que as ofertas de serviços, governamentais ou não, estão longe de suprir nossa demanda, podemos reunir os desafios citados num único e complexo obstáculo que exige urgentes soluções: dispor, em todas as localidades, de ofertas educativas para todas as modalidades de manifestação de deficiência, seja sob a responsabilidade direta do poder público governamental seja da iniciativa particular (CARVALHO EDLER, Rosita. 2009, p. 106).

Desse modo, na política educacional, a questão quantitativa da oferta não corresponde à demanda e a questão qualitativa também é considerada um desafio. O processo de ensino-aprendizagem não tem a garantia de qualidade, que varia desde a falta de uma estrutura adequada, até a especialização de profissionais.

O ambiente escolar representa para muitos alunos a única oportunidade de acesso ao conhecimento e a apropriação da norma culta. A escola deveria, por tanto, proporcionar o desenvolvimento intelectual do indivíduo e contribuir para a sua criticidade. Estes são alguns dos valores que a educação inclusiva propõe.

Os conceitos *integração* e *inclusão* também geram controvérsias entre os educadores. Integração representa o envolvimento de pessoas com deficiência na comunidade de pessoas que não tem deficiência.

A integração é um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica em reciprocidade (CARVALHO, 2009, p. 111).

A inclusão, diferentemente, é o espaço designado para receber os indivíduos com algum tipo de deficiência, como escolas aptas a receber alunos deficientes ou ambientes adaptados para o mesmo fim. Em vista disso, as práticas inclusivas



pedagógicas no Brasil ainda apresentam muitos desafios, pois muitos dos educadores não se sentem aptos para atender aos diferentes grupos de pessoas com deficiência.

2. WebJornalismo - Uma Ferramenta Alternativa de Comunicação

O jornalismo na Web passa por algumas diferenciações e, principalmente, no que se refere à sua comunicação digital. Podemos começar analisando um mecanismo utilizado que é o *World Wide Web* (WWW ou Web). No que concerne à sua utilização já havia trocas de *e-mails* (correios eletrônicos), publicações de informações e serviços que eram oferecidos para públicos distintos (MIELNICZUK, 2001).

Inicialmente, as nomenclaturas para definirmos o Jornalismo na Web são variadas, como “ciberjornalismo”, “jornalismo *on-line*”, “jornalismo digital” etc. Contudo, dá-se a relevância primordial ao tipo e aos formatos de programas que são vinculados na web, mostrando as formas de abordagens utilizadas (MIELNICZUK, 2001, p. 3).

Com base nisso, o jornalismo na web passa por algumas fases. Na primeira vislumbram-se as transposições de notícias que eram vinculadas nos jornais e ganharam espaço na internet. Logo após, denominam-se como segunda fase aquele em que as metáforas junto aos modelos do jornal impresso apresentam-se com os mecanismos utilizados pela rede (MIELNICZUK, 2001).

Dessa forma, percebe-se a mudança de paradigma a partir do momento das iniciativas empresariais em relação aos seus editoriais pensados com exclusividade para Internet, através de *sites* de cunho jornalístico e que exploram com mais preciosismo as potencialidades que são disponibilizadas na rede, tendo-se aí o Webjornalismo.

Para isso, necessita-se o entendimento de algumas características do Webjornalismo, enquanto elemento diferenciado e produtivo para veiculação da notícia. Dentre elas, apresenta-se a interatividade como uma das formas de trazer o seu leitor/espectador para ser parte integrante do processo de construção do fato noticioso, através da participação ativa do espectador como a troca de *e-mails* entre leitores e jornalistas (PONTES, 2009).

Outro aspecto que pode ser apontado se refere a hipertextualidade, que desenvolve um mecanismo vindo ao encontro do fato noticioso produzido. Segundo Prado (2011), o webjornalista precisa estar mais preparado para trabalhar com as mídias digitais. É necessário introduzir links ao longo da matéria, a fim de informar o leitor de todas as formas possíveis e o deixar mais satisfeito. Menciona-se, também, a própria



personalização de conteúdo em consonância ao perfil do leitor. Trata-se, ainda, da memória e de possíveis armazenamentos de informações, no que tange à gestão dos conteúdos utilizados. Analisam-se, em adição, as formas de atualizações contínuas de informações (RODRIGUES, 2009).

No que tange a convergência midiática, podemos apresentar um fator de integração das redações em que se possui o impresso, *on-line* e rádio e TV, visto que ocasiona um elevado critério em relação a responsabilidades de trabalho. O resultado desse processo acelerado tende a mudar a função e atividade do profissional da comunicação, dificultando seu processo de adaptação (RODRIGUES, 2009).

Tais dificuldades são apresentadas, em virtude do surgimento de novas tecnologias e a introdução de novos dispositivos. Esses elementos variam as formas de linguagem, dificultam a readaptação e afetam diretamente nas rotinas jornalísticas. Para Rodrigues (2009), com o aprimoramento e o uso das ferramentas de informações, as empresas de comunicação realizaram vários investimentos no novo ambiente.

Contudo, as grandes empresas jornalísticas investidoras espalham vários artigos e produtos que se destinam a públicos diferenciados e sabem aproveitar a credibilidade de seus fornecedores, ao transmitirem o “fato noticioso”. Com isso as notícias vinculadas geram credibilidade para o seu espectador (RODRIGUES, 2009).

Ainda nessa questão, vale salientar que nas mídias, os *sites*, têm sua criação, no que se refere a conteúdos no Brasil, ligada o surgimento dentro das próprias empresas jornalísticas. Como pioneiro na construção de portal destaca-se o *Jornal do Brasil.com* criado em 1995, pelo jornal *O Globo*. No entanto, algumas características para que possa ser considerado portal devem ser observadas (FERRARI, 2012).

Quando se reúne a atração e mantém-se o internauta em sua apresentação de página, chamadas de conteúdos diversos e de várias origens há alguns elementos que podem ser caracterizados como um portal de notícias que transmitem e prendem a atenção do leitor, utilizando os mecanismos midiáticos que a Internet apresenta (FERRARI, 2012).

O Jornalismo para Web apresenta, também, algumas diferenciações do jornalismo impresso e para Internet. Uma de suas características, consiste na escrita que é desenvolvida para o público-alvo, pois a notícia necessita ter mais precisão, conter informações necessárias, linguagem simples, e, apresentar, instantaneidade na hora de ser vinculada.



Sendo assim, ao ser apresentada uma notícia na web, podem-se caracterizar alguns elementos de conteúdo *on-line* como textos, fotos e gráficos, porém ainda podem ser adicionados os vídeos, os áudios e as imagens com animações, ilustrando a notícia de maneira explicativa. Ao falar-se de acesso aos conteúdos, pretende-se afirmar que o ponto está muito além de uma simples leitura de uma notícia, consistindo em algo que engloba os demais textos que estão vinculados nas redes sociais, por exemplo, tais como *Facebook*, mensagens de fóruns, resenhas, entre outros (FERRARI, 2012).

Considera-se, então, que os diversos conteúdos, em suas diferentes formas de linguagens estão disponibilizados não somente em portais, mas também espalhados em *blogs*, sites de relacionamentos e diversas redes em geral (FERRARI, 2012). Desse modo, percebe-se a importância do processo construtivo do web telejornalismo e seus mecanismos que fazem acontecer a transformação nos paradigmas na Internet no contexto mundial. Para tanto, verifica-se que os procedimentos utilizados na web são céleres, mas faz-se necessário que os componentes estejam inseridos nessa nova transformação e possam ser agentes facilitadores dessa nova dinâmica.

3. Rádio na Era Digital

Plataforma de comunicação que rompe o monopólio, a web rádio está inserida no novo contexto de mídias digitais. Com o advento da internet, o público de interação em um veículo antes restrito a pessoas da terceira idade, agora integra diversos públicos. Pois, a internet possibilita um campo de construção de debates, deixando de tornar o veículo rádio restrito a um determinado grupo e passa a ser de fácil acesso.

O público que passa por uma rádio no formato audiocast pode tornar-se assíduo e usufruir de um canal em que ele possa interagir para solucionar suas dúvidas e assim adquirir mais informações dentro dos temas que envolvem seus interesses. Formando-se relacionamentos sociais a partir de atrativos comuns em uma "*remixabilidade colaborativa*" (termo cunhado por Barb Dybawd), termo aqui perfeitamente adequado quando usado na fase digital, pois, no seu início, remixar era um procedimento usado com samplers na música pop. (PRADO, 2011, p.130)

Tendo em vista que o público na web é infinitamente maior, não fica preso à um localismo, regionalismo ou até nacionalismo. Assim, há uma facilidade para o ouvinte baixar o programa e escutá-lo em qualquer tipo de aparelho, seja um celular ou tocador de mp3. Há também a facilidade de se criar uma web rádio. Enquanto para criar uma rádio convencional são necessárias autorizações e concessões, para a criação de uma rádio *online* não é preciso nada disso.



A interatividade e a portabilidade sempre fizeram do rádio o veículo mais próximo do ouvinte. A internet deve ajudar nessas características para que o rádio continue vivo. Mesmo que o rádio digital brasileiro não saia do papel, a digitalização antecipada pela internet continuará a provocar mudanças significativas na linguagem, nas formas de emissão e recepção, e também em toda a cadeia produtiva do antigo veículo. Cresce o consumo de conteúdos de rádio em aparelhos e suporte digitais. Urge concluir o ciclo e digitalizar a transmissão e a recepção aberta, para que o rádio ingresse definitivamente na “era da informação”. (ALMEIDA E MAGNONI, 2010, p.436).

Com isso, a revolução tecnológica vem para forçar a reinvenção das plataformas midiáticas sem que a sociedade abra mão dos tradicionais veículos de comunicação. Não só tornou o cenário de comunicação mais amplo, como também modificou a maneira de se comunicar. Vê-se aí a construção de uma nova identidade: há maior facilidade de se comunicar em uma nova linguagem.

Com a influência da internet na construção de uma outra maneira de se comunicar, o rádio viu a necessidade de ocupar esse espaço para dialogar com a população. A relação não se deu entre público e veículo, mas pelo contrário, quando o rádio percebeu a importância também em migrar para a internet.

O rádio não é mais o primeiro veículo a dar a informação. A internet é tão instantânea quanto o rádio, e atualmente há uma tendência de aumento do número de pessoas que se informam primeiramente pela web. Dessa forma, algumas rádios abertas começam a apostar em outra característica para compensar a concorrência do jornalismo digital. (ALMEIDA E MAGNONI, 2010, p.439).

Vale ressaltar que a internet não chegou para substituir o rádio, mas sim para facilitar o acesso e adequá-la à nova era da informação. Em uma sociedade que está constantemente em transformação e com a globalização diminuindo as distâncias entre as culturas, os veículos de comunicação também se tornaram globais.

4. Convergência Midiática: da Televisão até a Web

A caracterização da WebTV dá-se pela transformação de conteúdo televisivo para a mídia digital, sendo acessada em computadores, tablets ou smartphones. A intenção é de estimular mais interação entre o produto e o seu receptor, que pode comentar, compartilhar com os amigos e assistir o vídeo diversas vezes, diferente do padrão televisivo. Apesar de promissor, ainda não existem características específicas que definem exatamente o padrão de se produzir para a internet. Grandes portais, como o G1, ainda pegam o conteúdo produzido para televisão e o reproduzem no site, sem nenhuma adaptação no vídeo. Dessa forma, os usuários que acessam o conteúdo através



de um smartphone, podem perder detalhes que só seriam capturados em telas maiores. Ainda assim, existem grandes sites, como o Uol, que já preocupam-se em produzir conteúdo exclusivo para internet a utilizar ferramentas que estimulam o receptor a se interessar pelo que é transmitido.

Uma das principais propostas da WebTV é a de que o expectador interfere e influencia no conteúdo que está sendo produzido e o que será exibido em sua programação. Esse sistema é semelhante ao da TV Digital, mas diferencia-se por prever a interação entre o usuário e o expectador. Enquanto a TV Digital propõe que o usuário assista mais de um programa ao mesmo tempo, na WebTV o público pode interferir na programação (RIBEIRO, 2009).

Analisando o cenário midiático, o resultado do processo de disponibilizar o conteúdo televisivo na internet é uma convergência das mídias. No livro *Cultura da Convergência*, Henry Jenkins (2008), destaca-se que esse processo de convergência possui múltiplas definições, abrangendo as transformações tecnológicas, culturais, sociais e mercadológicas. O autor explica que:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 29).

No Brasil, os portais de notícia do Uol e Terra foram pioneiros no ramo. A Uol TV é datada de 1997, enquanto a TV Terra foi a primeira a oferecer um telejornal online, ancorado pela jornalista Lílian WiteFibe. Já o *allTV*, lançado em 2002, começou sua transmissão diretamente pela Internet, sem o uso de satélites ou antenas (RIBEIRO, 2009).

No universo jornalístico, a produção de conteúdo para Web quebra o padrão de estrutura narrativa convencional. Enquanto o internauta assiste o programa, ele pode clicar nos *links* disponibilizados na tela, escolher o conteúdo adicional que ele possui interesse e até mesmo interferir na maneira que a matéria está sendo conduzida. Não existe a mesma linearidade onde o telespectador precisa acompanhar a notícia até o final para ter todas as informações. Nesse universo, é possível navegar entre vários conteúdos e chegar no mesmo lugar.

Esse novo cenário implica uma mudança na maneira de informar e no processo comunicacional que ainda está em gestão na maioria das empresas informativas envolvidas na tarefa de criar fortes vínculos com usuários no mundo digital. Isso implica aprender a reutilizar sua própria produção de informação, a aproveitar tudo, a guardar o que



antes se jogava fora, a potencializar com recursos tecnológicos o que antes era estático, a compreender a informação enquanto um conjunto reorganizável de dados, imagens e voz que podem ser utilizados em qualquer mídia, inclusive as tradicionais e lineares (SAAD, 2008, p.80).

Esse desenvolvimento e adaptação para o universo virtual estão acontecendo no mundo todo, e essa adaptação vem acompanhada de uma revolução no modo de se assistir televisão. Nos final dos anos 90, o mundo da música sentiu-se ameaçado com o surgimento do *Napster*, o programa pioneiro na distribuição ilegal de música pela *web*. No início dos anos 2000 as companhias telefônicas tiveram que adaptar-se com o *Skype*, um programa onde os usuários podem ligar uns para os outros e participar de vídeo *chats* (RIBEIRO, 2009).

Nesse contexto, com o processo de evolução dos meios de comunicação, há uma readaptação das mídias tradicionais que precisam criar novas formas de interação com o público e o espectador. A estratégia adotada hoje, consiste em modificar os métodos de emitir conceitos sobre os códigos de linguagem, símbolos e sinais em consonância com o acelerado processo tecnológico.

5. Cenário de pesquisa: breve contextualização da escola parceira

O projeto desenvolve atividades pedagógicas como metodologia alternativa na área de Web Tv e Web Rádio que permite a construção do conhecimento, sobretudo, nas áreas da linguagem, códigos e suas tecnologias. Para Gil (2002, p. 63):

Após a formulação clara do problema e de sua delimitação, elabora-se um plano de assunto, que consiste na organização sistemática das diversas partes que compõem o objeto de estudo. Construir um plano significa, pois, definir a estrutura lógica do trabalho, de forma que as partes estejam sistematicamente vinculadas entre si e ordenada sem função da unidade de conjunto.

Considerando que o trabalho vem sendo desenvolvido desde 2014, foram executadas atividades, para 288 alunos, de três séries (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Politécnico) e de oito turmas diferentes da Escola Pública, parceira do projeto - Nossa Senhora de Lourdes- na cidade de Pelotas/RS. Num primeiro momento, foram realizadas oficinas de Leitura e Produção Textual, Dicção e Oratória, cobertura dos eventos na escola, entre eles, destacam-se: Festa Junina, Olimpíada de Matemática, e Seminários Integrados).

Nas oficinas de Expressão Corporal as atividades destinadas à consciência do próprio corpo foram organizadas com o intuito de elucidar posturas adequadas. Nos programas de Web Rádio/TV as pautas foram: “Violência contra Mulher”, “Trânsito”, “Discriminação” e “Direitos Civis na Internet”. Os referidos programas contaram com a



presença de profissionais, especializados nas temáticas em foco, estruturadas para estimular os alunos a analisar assuntos atuais e discuti-los em sala de aula, com a finalidade de produzir inter e a trans-disciplinaridade entre aluno e professor.

No início do ano de 2015, agregou-se ao projeto à temática de Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais. A partir do mês de fevereiro, foi incluída ao projeto a Escola Louis Braille, cujo o histórico será apresentado no próximo subitem.

No primeiro momento, foram realizados encontros semanais com a escola parceira Louis Braille, junto a equipe diretiva, pedagogos, assistente social e professores da instituição, cuja função designa a de facilitar às práticas inclusivas. Em seguida, foi apresentada a proposta da criação de um material audiovisual das oficinas desenvolvidas na escola. Até o presente momento, foram elaboradas duas produções audiovisuais, disponibilizadas em um canal no youtube.

Os bolsistas realizaram o acompanhamento da primeira atividade desenvolvida pela Prof.^a Daniela Brizolara, que trabalha com a Música na instituição. Foram executadas atividades com cerca 20 alunos em que se acompanharam as dinâmicas de interação com o grupo.

Por fim, seguindo a sequência cronológica, foram colhidos relatos de alunos e professores, e a gravação das aulas de música para ser disponibilizado nos formatos de webrádio e webtv. Esses programas, serão disponibilizados aos cursos de licenciaturas das universidades da região, para que sejam desenvolvidas com os acadêmicos e possibilitar estudo dos formatos da audiodescrição, além de fazerem parte do acervo da instituição.

5.1 Breve Histórico da Escola

Com o intuito de incluir pessoas com deficiência visual no ambiente escolar, em 1946 foi idealizada a Escola Louis Braille, contudo apenas efetivada em 1952. Com apoio da comunidade pelotense recebe ainda na sede da Biblioteca Pública os primeiros alunos com esse tipo de deficiência naquela época. Hoje, a escola continua contando com o suporte das entidades de classe, de universidades, de cooperativas e de profissionais dispostos a ajudar, tais como: Médicos, Assistentes Sociais, Psicólogos, entre outros (CARVALHO *et alii*, 2009, p. 56).

Atualmente, em seu prédio próprio, a escola em estudo funciona em dois turnos, de modo que possa abranger os alunos que procuram a instituição, de diferentes faixas etárias e também estudantes da rede pública municipal e estadual. Além de atender

peças com deficiência visual, a escola também recebe pessoas com outros tipos de limitações, como por exemplo o autismo (CARVALHO *et alii*, 2009, p. 56).

Assim, a proposta pedagógica da escola, além de integrar os alunos com deficiência visual à comunidade, busca, também o apoio das universidades e demais instituições de ensino, como forma de fortalecimento das habilidades cognitivas e consolidação da aprendizagem dos indivíduos.

5.2 Registro das Atividades Realizadas

As atividades foram executadas pelos acadêmicos dos cursos de Jornalismo, Cinema e Audiovisual da UFPel, com orientação da professora coordenadora do projeto. Inicialmente, foram realizados encontros semanais dos bolsistas com a orientadora para discutir as novas práticas a serem introduzidas no projeto. Em seguida, foi estabelecido um contato com a escola Louis Braille, que trabalha com deficientes visuais, para implementar o projeto. Seguindo, foram organizadas reuniões de planejamento dos programas, visitas, entrevistas, gravações audiovisuais e pesquisa e revisão bibliográfica.

Assim, após a realização de visitas na escola, a fim de conhecer seus projetos pedagógicos, foi realizado a gravação do primeiro programa, divulgando o trabalho de música desenvolvido pela professora Daniela Brizolara, cujo objetivo é agregar alunos de diferentes idades, participando do grupo musical da escola a fim de desenvolver a musicalidade e os sentidos motores, conforme mostram as figuras 1 e 2.



(a)



(b)

Figura 1 - Atividades com o grupo musical durante visitas à escola Louis Braille.

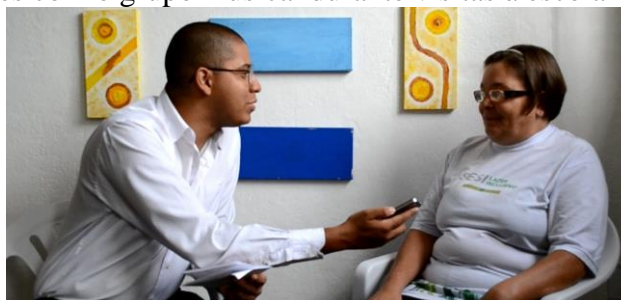




Figura 2 - Atividades com o grupo musical durante visitas à escola Louis Braille - entrevista

No decorrer das visitas os bolsistas integrantes do projeto foram convidados a participar do programa semanal da Rádio Comunitária (RadioCom), transmitido para Pelotas e região. Tal programa é desenvolvido e apresentado por deficientes visuais ligados a escola. A figura 3 mostra momentos dessa participação dos bolsistas.



Figura 3 - Entrevista realizada na RadioCom.

Além dessas vistas, os bolsistas foram convidados a voltar a escola para participar da solenidade de inauguração de uma sala destinada à áudiodescrição. Figura 4.



Figura 4 - Inauguração da sala de áudiodescrição.

Assim, com o material gerado nas atividades citadas, tornou-se possível a realização de um produto audiovisual. Para tanto, foi empregado um software de edição de vídeo. Figura 5.



Figura 5 - O produto realizado no software Adobe Premiere.



Considerações Finais

Não pretendemos aqui neste artigo concluir questões que ainda estamos amadurecendo e desenvolvendo a partir do projeto de extensão em foco, entretanto já temos algumas considerações que podemos ressaltar. Esperamos que o artigo tenha aguçado a curiosidade com a ideia de que essa proposta é relevante tanto para a universidade, quanto para a comunidade na qual está inserida, uma vez que proporciona a aplicação de práticas pedagógicas interativas e inclusivas.

Segundo Lévy (1999), a multimídia interativa ajusta-se muito bem aos usos educativos, facilitando o envolvimento pessoal do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem. À medida que uma pessoa participa da produção de um conhecimento, ela integra e retém o que aprende. Além disso, esse tipo de multimídia favorece uma atitude de exploração e ludicidade devido à facilidade de assimilação de conteúdos. Conseqüentemente, a Web Rádio e a Web Tv constituem ferramentas muito úteis a uma pedagogia ativa e comunicacional.

Em face do exposto, a utilização dos recursos e das técnicas possíveis propiciará ao final das atividades, a interdisciplinaridade e a integração de várias áreas e professores. “Os processos de comunicação tendem a ser mais participativos. A relação professor-aluno mais aberta. Haverá uma integração profunda entre a sociedade e a escola, entre a aprendizagem e a vida” (MORAN, 2000, p.56).

Finalmente, com o resultado dessa experimentação, pretendem-se ampliar as perspectivas de atuação dos alunos com uma visão mais abrangente, na qual tecnologia e teoria se aliam e refletem-se na interação com realidades distintas, principalmente, nos obstáculos e desafios existentes em torno da inclusão e das diferentes mudanças de terminologia das pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. **Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao rádio jornalismo.** (IN). FERRARETTO, Luiz Artur; KLOCKNER, Luciano (Org.). **E o rádio? Novos horizontes.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CARVALHO, Edler Rosita. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem: educação Inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2009



CARVALHO, M. P. (*et all*); **Atuação da fisioterapia em deficientes visuais.** In: **HYGEIA Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, 5 (9), dez./2009, t.53-62. Disponível em <<http://www.hygeia.ig.ufu.br>>

FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização, prática social - prática de sentido.** Artigo apresentado no Encontro da Rede Prosul, no seminário Midiatização, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo/RS, 2006.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital** – 4. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012. – (Coleção Comunicação).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: editora Atlas, 2002.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Editora Aleph, 2008.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web.** In: CONGRESSO DA SOPCOM, 2., Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2001.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

PONTES, Lopes Renata. **Webjornalismo: Conceitos, Fases e Características.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RIBEIRO, Daniela Costa. **WeTV; perspectivas para Construções Sociais Coletivas.** Disponível em <http://books.google.com.br/books/about/Estrategias_2_0_Para_a_Midia_Digital.html?id=3cacUbVVFGgC&redir_esc=y>

RODRIGUES, Carla. **Jornalismo Online: modos de fazer (organização).** – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009. – 1ª reimpressão.



SAAD, Beth. **Estratégias 2.0 para a Mídia Digital** – Internet, Informação e Comunicação. 2
Ed. São Paulo: Ed. Senac, 2008.